

# Quando as questões de gênero invadem a biblioteca escolar: proposta de calendário comemorativo da diversidade

When gender issues invade the school library:  
proposed commemorative diversity calendar

## Hélio Márcio Pajeú

Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).  
[helio.pajeu@ufpe.br](mailto:helio.pajeu@ufpe.br)

## Arthur Henrique Feijó de Almeida

Mestrando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).  
[arthuralmeidafeijo@gmail.com](mailto:arthuralmeidafeijo@gmail.com)

## RESUMO

A biblioteca escolar enfrenta diversos percalços para constituir o espaço de mediação cultural e disseminação da informação que tem o objetivo de ser. Devido aos grandes índices de violência que a população desviante da norma de gênero e sexualidade sofrem no ambiente da escola, é preciso repensar a atuação da biblioteca dentro desse debate. O objetivo desse trabalho é aproximar as discussões de gênero e sexualidade ao espaço da biblioteca escolar através da proposta de um calendário de ações culturais desenvolvida com o Núcleo de Estudos de Gênero e a Biblioteca Monteiro Lobato da Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra, em Recife-PE. Dessa forma, afirma-se a importância da Biblioteca Escolar, como peça fundamental para o processo de ensino-aprendizagem e auxílio na formação do senso crítico da comunidade usuária, ao fomentar o debate de temas transversais.

**Palavras-chave:** Biblioteca escolar. Questões de gênero. Mediação cultural. LGBT+. Mulheres.

## ABSTRACT

The school library faces several obstacles to constitute the space for cultural mediation and dissemination of information that it aims to be. Due to the high levels of violence that the population that deviates from the norms of gender and sexuality suffer in the school environment, it is necessary to rethink the role of the library within this debate. The objective of this work is to bring gender and sexuality discussions closer to the space of the school library through the proposal of a calendar of cultural actions developed with the Núcleo de Estudos de Gênero and the Biblioteca Monteiro Lobato of the Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra, in Recife-PE. Thus, the importance of the school library is affirmed, as a fundamental part of the teaching-learning process and aid in the formation of a critical sense in the user community, by fostering the debate on transversal themes.

**Keywords:** School Library. Gender Issues. Cultural mediation. LGBT+. Women.

## 1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar, ainda que rara e precária em sua maioria, é um espaço de aprendizagem, socialização e mediação cultural que data em solo brasileiro desde o tempo dos Jesuítas (PAJEÚ; ALMEIDA, 2019). Devido à sua tipologia, o público das bibliotecas escolares encontra-se em processo de se reconhecer como indivíduo inserido em uma

sociedade, atribuindo a esse ambiente o papel de formador de opiniões, e que pode ser um instrumento decisivo na formação de sujeitos críticos. Dessa forma, torna-se indispensável o uso desse espaço para o debate de temas transversais à questões discutidas majoritariamente no espaço acadêmico por meio de conversas, mediações de leitura e eventos em conjunto com os pais e o corpo docente a fim de instruir não só os alunos, mas todas as pessoas que fazem parte do convívio social desse discente. Para tanto, é vital a participação de um profissional formado em Biblioteconomia, uma vez que, segundo Lima (2016), a mediação cultural é o cerne da profissão do bibliotecário. Há formas diversas de realizar a mediação cultural, sendo a ação cultural o foco desse trabalho. A ação cultural é definida por Teixeira Coelho (1997, p. 31) como o conjunto de metodologias utilizado para a efetivação de uma política cultural através de recursos humanos e materiais.

Silva (1995) afirma ainda que “a tarefa de orientar o aluno na utilização da biblioteca e, principalmente, o de despertar nele o gosto e o hábito de leitura são as atribuições mais reveladoras da natureza educativa do trabalho biblioteconômico na escola”. Segundo McLaren (2000), a escola é um local fundamental no processo de transmissão cultural, sendo três os cerne da preocupação multicultural: a diferença, a identidade e a relação entre maioria e minoria. A biblioteca escolar como parte dessa instituição base da sociedade adota para si também essa responsabilidade.

Quando olhamos os números de evasão escolar por pessoas LGBTQ+<sup>1</sup> ou a forma com que o machismo afeta as mulheres dentro do ambiente escolar, fica nítida a função que a biblioteca escolar exerce na formação pessoal de seus usuários como integrantes de uma sociedade civil e a necessidade da transmutação desse espaço em um ambiente seguro e propício para elucidar e propagar os direitos fundamentais do ser humano, o respeito ao próximo e a celebração à diversidade, seja ela física, étnica, cultural, sexual ou de gênero. Dessa forma, esse trabalho justifica-se na necessidade de repensarmos o papel da biblioteca escolar no combate à violência de gênero, partindo da problemática: de que forma se estruturaria um calendário de ações culturais voltadas a tratar temáticas de gênero e sexualidade, tendo como recorte uma biblioteca escolar da cidade do Recife?

---

<sup>1</sup> Em ordem, significa: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers* e o “+” significa outras designações de gênero e sexualidade não contempladas nas letras anteriores. O formato foi escolhido entre outros (LGBTQIA+, LGBTQ, LGBT etc.) por acreditarmos que consegue dialogar entre conhecedores do tema e os que estão iniciando-se no debate.

Isto posto, o presente trabalho tem por objetivo analisar as relações entre a biblioteca escolar e a violência de gênero na escola a fim de alvitrar meios para que esse espaço possa ser usado no combate a esse tipo de violência, advindo de um calendário de ações culturais criado em parceria com o Núcleo de Estudos de Gênero da Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra, em Recife – PE, por meio de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico e documental.

## **2 A BIBLIOTECA ESCOLAR E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

A conceituada Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias em seu documento com diretrizes para a biblioteca escolar conceitua essa tipologia de bibliotecas como:

um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural (IFLA, 2015, p. 19).

Segundo Ranganathan, criador das cinco leis da biblioteconomia, a biblioteca é um organismo em crescimento, não só em acervo, mas em recursos para atender as demandas informacionais de seus usuários reais e potenciais. Se tempos atrás a única missão da biblioteca escolar parecia ser a de ofertar suporte bibliográfico, isso fica mais distante quando analisamos como a biblioteca escolar “constitui parte integral do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins” (OEA, 1985 p. 22 apud COST, 2013, p. 24) na atual sociedade da aprendizagem.

Atualmente biblioteca escolar se faz necessária, seja para o incentivo à leitura, desenvolvimento de competência crítica em informação ou para auxiliar na formação do estudante enquanto sujeito membro de uma sociedade, mas encontra como empecilho a ausência desses espaços em grande parte das escolas brasileiras, não obstante a existência da Lei 12.244/10, deferida pelo ex-presidente Lula, que trata da universalização das bibliotecas escolares. A Lei 12.244 assinada em 2010 previa que até 2020 toda escola deveria ter uma biblioteca coordenada por um profissional de

Biblioteconomia, porém, estudo realizado pelo INEP<sup>2</sup> em 2018 mostra que 55% das escolas brasileiras ainda não possuem biblioteca, tornando a realidade proposta pela lei ainda muito distante, e quando o possuem são geralmente ocupadas por professores readaptados ou pessoas com qualquer formação acadêmica que não biblioteconomia (PAJEÚ; ALMEIDA, 2020).

Os tópicos que fomentam as questões de gênero começaram a ganhar força em meados de 1970 com o advento dos movimentos feministas que lutavam por igualdade de direitos civis e pela ressignificação dos papéis atribuídos às mulheres, sendo eles o de cuidar dos filhos e do lar e atividades que exigiam quase ou nenhum esforço físico, frutos da crença patriarcal de que pessoas de sexo biológico feminino seriam inferiores física e mentalmente àquelas de sexo biológico masculino. Dessa necessidade de emancipação das amarras do patriarcado, surge então o conceito de gênero, caracterizado agora não apenas por questões anatômicas e fisiológicas, mas por uma construção social resultado de um processo cultural baseado no sexo biológico:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualifica de feminino. (BEAUVOIR, 1967, p. 9)

Logo, defendia-se que o papel atribuído aos indivíduos de sexo biológico feminino não era inato por questões psíquicas ou anatômicas, muito menos poderia ser justificado por classe econômica, mas sim por uma hierarquização de gênero moldada ao longo do tempo que não mais interseccionava com a forma com a qual mulheres e homens buscavam inserir-se em sociedade. Rubin (1993, p. 22) afirma que:

não sofremos opressão apenas *enquanto* mulheres, nós a sofremos por termos que ser mulheres, assim como os homens são obrigados a ser homens [...] acho que o movimento feminista deve almejar mais do que a eliminação da opressão das mulheres. Deve sonhar em eliminar as sexualidades obrigatórias e os papéis sexuais.

---

<sup>2</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS; HAJE, Lara. Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura. In: Educação, cultura e esportes. [S. l.], 6 dez. 2018. Disponível: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/>. Acesso em: 3 set. 2019.

Da eclosão dos movimentos feministas da década de 70 aos dias atuais muito foi conquistado e muito ainda há de se conquistar, mas a priori é preciso elucidar os inúmeros desdobramentos resultantes das manifestações à hierarquização de gênero, que desabrocharam novos conceitos, teorias e questionamentos sociais.

A necessidade de esclarecer esses conceitos, teorias e questionamentos parte do contexto atual de *fake news*<sup>3</sup> e pós-verdade<sup>4</sup>, uma vez que é comum ouvir que “o feminismo é o machismo das mulheres” e é essa assimetria epistemológica responsável pela atual aversão às questões relativas ao gênero subsequentes das conquistas históricas e sociais desse movimento. De acordo com Oliveira e Cassab (2014, p. 2), baseando-se em Silva (2002) e Miranda (2012), “o movimento feminista surge com a intenção de romper com a ordem patriarcal, denunciando a desigualdade entre homens e mulheres e buscando direitos igualitários e mais humanos para as mulheres.”, sendo na verdade contraposição ao conceito de machismo:

O machismo constitui, portanto, um sistema de *representações-dominância* que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. (DUMONT, 1980, p. 82, grifo do autor).

De forma mais didática o machismo:

pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas idéias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele. (CASTAÑEDA, 2006, p. 18).

Um dos frutos desse machismo estrutural seria a heteronormatividade, definida posteriormente por Louro (2009) como a reiteração compulsória da norma heterossexual

---

<sup>3</sup> “A expressão surge para descrever o fenômeno da ampla divulgação de notícias falsas ocorrido nas redes sociais. Apesar de não ser uma invenção contemporânea, foi por meio das redes sociais que ganharam espaço para sua proliferação, alcançando a dimensão que apresentam na atualidade.” (TEIXEIRA et al, 2018, p. 3).

<sup>4</sup> “é um fenômeno relacionado à disseminação em massa de informações falsas (*fake news*), mediante um clima, um contexto favorável à sua propagação, porque dominado por uma mentalidade de desprezo, de desinteresse pela verdade.” (ARAÚJO, 2020, p. 18)

resultante do alinhamento entre sexo, gênero e a expressão da sexualidade, ou seja, é o discurso de que o sujeito está predisposto à heterossexualidade graças às suas características biológicas. Contudo, estudos recentes acerca de gênero e sexualidade vêm mostrando progressivamente que essas expressões não são inerentes a tais características e a reprodução desse discurso heteronormativo atribui todos os comportamentos que fogem à norma a qualidade de “desviantes” restringindo aos debates acerca desses comportamentos às margens da sociedade civil e acadêmica. Para Scott (1995, p. 74 apud CHAGAS, 2017, p. 2), o conceito de gênero está diretamente ligado à heteronormatividade de forma tal que o mesmo o descreve como sendo:

a construção de atitudes expectativas e comportamentos, tendo por base o que determinada sociedade define como seus valores. Aprendemos a ser homens e mulheres pela ação da família, da escola de grupos de amigos, das instituições religiosas, do espaço de trabalho, dos meios de comunicação [...]. Gênero diz respeito também ao modo como lidamos ao longo da história e de forma diversa em diferentes culturas, com o poder nas relações interpessoais, hierarquizando e valorizando o masculino em detrimento do feminino.

Segundo Santos (2005, p. 4), o ano de 1969 foi o pontapé para o desenvolvimento de uma teoria social acerca das sexualidades com o levante conhecido como Revolta de *Stonewall*. O levante recebe esse nome por uma noite recheada de adrenalina no *Stonewall Inn*, um bar gay aberto na *Christopher Street*, Nova York, três anos antes. Devido um hostil sistema legal, batidas policiais em bares “gays” eram rotineiras; travestis eram presas e frequentemente espancadas, enquanto homens gays e mulheres lésbicas eram humilhados. Contudo, na madrugada de 28 de junho de 1969, em mais uma dessas batidas policiais as coisas não ocorreram como usual: travestis resistiram à prisão, homens gays recusaram-se a mostrar suas identidades e mulheres lésbicas se negaram a ir às viaturas.

Em 1991, Teresa de Lauretis publicou o “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities”, inspirada por nomes como Michel Foucault e Judith Butler, a autora repudia justamente a heteronormatividade, renunciando a classificação e a padronização do gênero e da sexualidade. Segundo Jagose (1996 apud MIRANDA; GARCIA, 2012, p. 2), “A teoria queer desenvolve-se a partir de um reordenamento gay e lésbico das representações pós-estruturalistas da identidade como constelação de posições múltiplas e instáveis”. Se *queer* refere-se ao raro e excêntrico, a Teoria Queer vem justamente a fim de abdicar dos conceitos de “normal” e “anormal” dando local de fala aos que fogem da

normatividade: gays afeminados, lésbicas masculinizadas, pessoas intersexo, travestis, transexuais. No Brasil, um dos países que mais mata pessoas LGBTQ+ no mundo<sup>5</sup>, não é surpresa que a violência de gênero e a falta de tato pedagógico para lidar com essas questões resultem em constante hostilidade para pessoas que fujam à norma heterossexual, prejudicando o aprendizado e dificultando o bem-estar num ambiente que deveria acolher e edificar uma sociedade cultural pautada no respeito e celebração às diversidades.

De acordo com a UNESCO (2015), a violência de gênero em ambientes educacionais pode muitas vezes resultar em “um aumento do absenteísmo, fraco desempenho, desistência escolar, baixa autoestima, depressão, gravidez e infecções sexualmente transmitidas, como HIV; todos elementos que têm impacto negativo na aprendizagem e no bem-estar”. Uma possível causa para essa situação talvez seja o frequente medo de repressão por parte dessas instituições que preferem se curvar diante de autoritarismos vazios, tornando a escola um espelho da sociedade no lugar de lutar para que a sociedade se torne um espelho da escola. Segundo Foucault (1996, p. 44), todo sistema de educação “é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” e uma vez que ainda nos encontramos em uma sociedade extremamente heteronormativa a escola tem o papel de desconstruir esses discursos através dos instrumentos pedagógicos à sua disposição, sendo um deles a biblioteca:

A escola, como parte integrante da sociedade, reproduz relações de desigualdade entre homens e mulheres; entre brancos, negros e indígenas; entre heterossexuais, gays, lésbicas e bissexuais; entre cisgêneros, transexuais e travestis; entre pessoas sem deficiência e pessoas com deficiência; entre os que têm diferentes religiões. Mas a escola também pode - e deve - combater essas desigualdades, pois tem o objetivo de formar cidadãos críticos por meio de uma educação de qualidade. É necessário que a escola se repense, pelo seu próprio bem e para formar pessoas capazes de intervir na sociedade de forma justa e igualitária. (AÇÃO EDUCATIVA, 2016, p. 06).

Prova da hostilidade heteronormativa nas escolas é a grande evasão escolar de LGBTQ+, destaque às travestis e transexuais que possuem quase 75% de sua população

---

<sup>5</sup> GRUPO GAY DA BAHIA. **Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: relatório da acontece arte e política lgbti+ e grupo gay da bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política Lgbti+, 2021. 79 p. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

em situação de evasão escolar, segundo estudos da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT)<sup>6</sup>, a fim de evitar as represálias ininterruptas resultantes da omissão pedagógica e do despreparo das escolas ao lidar com a pluralidade existente em seu espaço. Um estudo da ONG Reprolatina (2011)<sup>7</sup> em 11 capitais do país comprova que o ambiente escolar é extremamente homofóbico e heteronormativo com a intenção de evitar conflitos com os setores civis mais tradicionais enquanto expõe esses sujeitos à situação de vulnerabilidade social, entendendo-se aqui que a popularização do termo “homofobia” se refere na verdade à LGBTQfobia.

A homofobia se trata de toda ação que desencadeie hostilidade direcionada a homossexuais - gays e lésbicas - e ainda que a Presidenta da Comissão da Diversidade Sexual da Organização dos Advogados do Brasil (OAB), a desembargadora Maria Berenice Dias, use o termo ao se referir aos atos e manifestações de ódio contra homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais, aqui faremos uso do termo LGBTQfobia ao abordar essas violências a fim de abranger e visibilizar todas as letras que compõem o movimento LGBTQ+.

Quando falamos de violência de gênero, não podemos esquecer que, além das agressões físicas, sexuais e psicológicas, as vítimas sofrem diversas outras sequelas, como depressão e ansiedade, que podem afetar sua vivência dentro e fora do ambiente escolar, podendo levar a distúrbios como a automutilação e até mesmo o suicídio.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2019), o suicídio é um fenômeno global que atinge pessoas de todas as idades, sendo a segunda principal causa de mortalidade entre jovens de 15 a 29 anos. O Ministério da Saúde afirma que apesar de complexo, o suicídio pode ter diversos gatilhos, entre eles destacam-se:

A partir de uma análise contextual é possível compreender situações de maior risco, entre elas ter acesso aos meios de cometer suicídio, apresentar dificuldade em lidar com estresses agudos ou crônicos da

---

<sup>6</sup> Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016. Disponível em: <https://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

<sup>7</sup> REPROLATINA. **Estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras**. São Paulo: 2011. 70 p. Disponível em: [http://www.reprolatina.institucional.ws/site/repositorio/materiais\\_apoio/textos\\_de\\_apoio/Projeto\\_Escola\\_sem\\_Homofobia.pdf](http://www.reprolatina.institucional.ws/site/repositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Projeto_Escola_sem_Homofobia.pdf). Acesso em: 02 set. 2019.



vida, e **sofrer violência baseada em gênero, abuso infantil ou discriminação**. (SECRETARIA DE VIGILÂNCIA DA SAÚDE, 2017, p. 1, grifo nosso)

Em estudo realizado como parte de sua dissertação, Daniela Ghorayeb (2007) constatou que 35% dos entrevistados LGBTQ+ possuem caso clínico de depressão (desses, 10% possui risco de suicídio), número que cai para mais da metade, 15%, entre os entrevistados heterossexuais.

Pedro Anunciato, em matéria para a Nova Escola (2018)<sup>8</sup> sobre o Setembro Amarelo, afirma que “Se o pior acontece, o ambiente escolar sofre. E com círculos familiares e sociais cada vez menores, a escola é praticamente o único lugar de socialização dos jovens.”, sendo assim, a escola se torna peça fundamental para a prevenção do suicídio e assegurar a saúde mental de seus estudantes.

O relatório de 2016 da Secretaria de Educação da ABGLT acerca do ambiente educacional no Brasil é um forte indicador da hostilidade que invade os muros das escolas e amedrontam os estudantes pertencentes à comunidade LGBTQ+ nos Ensinos Fundamental e Médio do país. O documento é resultado de um questionário online disponível entre dezembro de 2015 e março de 2016 que tinham os seguintes critérios de participação:

ter pelo menos 13 anos de idade, ter frequentado o ensino fundamental ou médio no Brasil durante o ano letivo de 2015, e se identificar como lésbica, gay, bissexual, ou ter uma orientação sexual diferente da heterossexual (ex. queer) ou se descrever como transgênero ou com outra identidade de gênero que não seja cisgênero (ABGLT, 2016, p. 18).

Segundo o estudo, cerca de 60% dos participantes sentiram-se inseguros na escola por causa de sua orientação sexual, enquanto 43% não sentia segurança dentro da escola em decorrência de sua identidade/expressão de gênero, resultando em faltas frequentes durante o ano letivo e uma baixa aspiração acadêmica, grande parte desejando apenas concluir o ensino médio ou técnico, uma possível repulsa à instituições educacionais resultante da frequente violência sofrida. É interessante notar que o mesmo estudo revela que o bibliotecário escolar é o terceiro profissional que os participantes relataram ficar

---

<sup>8</sup> ANNUNCIATO, Pedro. **Suicídio**: o que a escola pode fazer?. *In*: Nova Escola. 135. ed. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12462/suicidio-o-que-a-escola-pode-fazer>. Acesso em: 22 ago. 2019.

“mais a vontade” ou “mais ou menos a vontade” em conversar sobre questões LGBTQ+, com 41% de grau de conforto, atrás apenas de professores, 60,9%, e pedagogos, 50%.

Em outro momento, ao mensurar os recursos curriculares inclusivos às questões LGBTQ+, a opção “livros ou outros recursos na biblioteca da sua instituição educacional contêm informações sobre as pessoas, a história, eventos ou tópicos LGBTQ+” figura a segunda posição mais baixa com 16,5%, atrás apenas da opção “livros didáticos contêm informações sobre as pessoas, a história, eventos ou tópicos LGBTQ+”, com 13,3%. Apenas 8,3% afirma que a instituição em que estuda possui regulamento sobre agressão, *bullying* ou violência que faz menção à orientação sexual ou orientação/expressão de gênero.

Outra pesquisa, essa de 2009, encomendada à Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP pelo MEC, mostrou que as principais vítimas de *bullying* e discriminação no ambiente escolar são homossexuais, negros e pobres, consecutivamente. Um dos resultados da pesquisa mostra que em escolas com altos níveis de situações de preconceito, o desempenho médio dos alunos, alvos de qualquer tipo de preconceito ou não, era menor na Prova Brasil, avaliação de português e matemática para a 8ª série. Foi concluído também que “o preconceito em relação a um determinado aspecto da diversidade vem, em geral, acompanhado de preconceitos similares em relação aos outros aspectos pesquisados” (FIPE, 2009, p. 353), isto é, se há casos de LGBTQofobia é maior a probabilidade de no mesmo ambiente haver preconceito também contra mulheres, negros e pobres, por exemplo.

Uma pesquisa da Énois Inteligência Jovem em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e o Instituto Patrícia Galvão<sup>9</sup> realizada em 2015 com 2.285 jovens de 14 a 24 anos intitulada #meninapodetudo, 82% disse já ter sofrido preconceito apenas por ser mulher, desses, 39% afirma ter passado por isso em um ambiente educacional.

Segundo o Mapa de Violência 2015 – Homicídio de Mulheres no Brasil, baseando-se no atendimento pelo SUS a mulheres no ano de 2014, os principais tipos de violência sofridos por adolescentes do sexo feminino são: física (com 15.611 atendimentos correspondendo a 40,9% do total), sexual (com 9.256 atendimentos correspondendo a 24,3% do total) e psicológica (com 7.190 atendimentos correspondendo a 18,9% do total). De acordo com a mesma pesquisa, a escola corresponde a 4,7% dos locais de

---

<sup>9</sup> ÉNOIS INTELIGÊNCIA JOVEM. #meninapodetudo: como o machismo e a violência contra a mulher afetam a vida das jovens das classes C, D e E?. São Paulo, 2015. 28 p

ocorrência de violência contra adolescentes do sexo feminino, o quarto da lista, ficando atrás apenas das opções Residência, Rua e Outros.

Assim, podemos observar o quão tóxico o ambiente da escola pode ser para mulheres e pessoas desviantes da heteronormatividade, urgindo medidas que fomentem a cultura de paz assegurando o respeito à diversidade e a biblioteca escolar tem um papel fundamental nesse processo, ainda que seja perceptível o crescimento de uma onda conservadora que almeja que essas temáticas sequer adentrem os muros da escola.

### **3 A ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA E O NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO E ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

A Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra (ETEASD) tem como gestor Oscar do Nascimento e localiza-se na Praça General Abreu e Lima, s/n, Santo Amaro, Recife - PE e possui uma área total de aproximadamente 1.404m<sup>2</sup> e área construída de 1.133m<sup>2</sup>. Sua inauguração data 05 de janeiro de 1970 com denominação Colégio Estadual Almirante Soares Dutra e posteriormente Centro Interescolar Almirante Soares Dutra, em 1974. Com capacidade para mais de 4000 alunos, já foi considerada a maior instituição de ensino de nível médio do Estado. Atualmente, oferta os seguintes cursos técnicos, nas categorias integrada, subsequente e EAD: Análises Clínicas, Enfermagem, Meio Ambiente, Nutrição e Dietética, Prótese Dentária, Saúde Bucal, Segurança do Trabalho e Tradução e Interpretação em LIBRAS.

Entre 20 salas de aula e 10 laboratórios de naturezas diversas, encontra-se a Biblioteca Monteiro Lobato. Coordenada por Taciana Santos, licenciada em História pela UFPE em 2004 e mestre em História também pela UFPE em 2008, auxiliada por Edivane Soares, bacharel em Farmácia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 1973 e professora readaptada. A ausência de um profissional de biblioteconomia é justificada pela gestão devido a ausência de concursos voltados para área. A biblioteca possui um acervo de mais de 2.000 títulos, entre livros técnicos dos cursos ofertados na instituição à literatura de diversos gêneros, sendo esses em maior volume os de literatura brasileira. A Biblioteca Monteiro Lobato funciona majoritariamente conforme o estereótipo da maioria das bibliotecas: silenciosa, para leitura, estudo e empréstimo de livros; não fugindo, é claro, da realidade massiva das bibliotecas escolares: atuando isoladamente das

outras atividades da escola e sem a presença de um profissional em Biblioteconomia, isto é, quando sequer abrem as portas.

Segundo a Proposta Político Pedagógica da escola, atualmente em processo de reformulação, os princípios filosóficos da ETEASD são:

Estética da sensibilidade – Contribui para constituir identidades capazes de suportar a inquietação, capazes de conviver com o incerto e com o diferente. Em cada conteúdo ministrado em sala de aula, deveremos ter a preocupação de agregar valores tais para que o educando tenha conhecimento do passado, domínio do presente e visão do futuro.

Política da igualdade – Deve ser praticada na garantia da igualdade de oportunidades e da diversidade de tratamentos. O reconhecimento dos direitos humanos, o exercício dos direitos e deveres da cidadania e, ainda, o combate a todas as formas de preconceito e discriminação. O saber conviver agregado à pluralidade cultural é edificado através do respeito aos seus pares e à comunidade, mesmo num País onde uns são mais iguais que outros.

Ética da identidade – Possibilita o desenvolvimento do processo de reconhecimento pessoal, a construção da auto-estima, operacionalizando uma autonomia responsável, solidária e verdadeira. É constituída a partir da estética e da política, e não pela negação delas. Seu ideal é o humanismo em um tempo de transição. (PERNAMBUCO, 2019, p. 13)

Norteadas por esses princípios, a instituição oportuniza projetos de formações relacionadas à formação acadêmica e profissional aos estudantes. Projetos esses a serem desenvolvidos semanalmente nos intervalos da manhã e tarde pelos estudantes em parceria com os professores. Os projetos ofertados pela ETEASD são: Clube de Leitura, Miniempresa, Dança Clássica e o Núcleo de Gênero, sendo esse último essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O “Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher”, popularmente conhecido como Núcleo de Gênero (NEG), é fruto de uma política pública idealizada pela Secretaria da Mulher de Pernambuco (SecMulher/PE) em 2009 e formalizada em 2011 em parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SEE) tendo como objetivo fomentar discussões escolares e acadêmicas sobre equidade de gênero e, conseqüentemente, combater a violência contra a mulher. A ação também vem com o intuito de fortalecer o Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero, iniciativa da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), onde professores e alunos de ensino médio, técnico-subsequente, graduação e pós-graduação apresentam redações, artigos científicos, relatos de experiências e roteiros de documentários curta-metragem acerca

de temas tocantes à gênero. Segundo Silvia Cordeiro (2019), secretária da SecMulher/PE, Pernambuco é pioneiro em implementar o NEG em todas as escolas técnico-subsequentes e de referência em ensino médio.

Antas (2017, p. 3) afirma que:

a pauta central das discussões das relações de gênero trazida pela SecMulher, e conseqüentemente presente tanto nos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra Mulher quanto no Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero estão essencialmente centradas nas pautas dos movimentos feministas, em detrimento das temáticas ligadas à diversidade sexual, por exemplo.

Contudo, a mesma autora em outro momento ressalta que, ainda que possuam orientação e objetivos comuns, “os núcleos atuam de forma diversificada e autônoma, [...] cada instituição participante constitui-se de acordo com suas especificidades” (ANTAS, 2017, p. 2). Sendo assim, por uma demanda dos próprios alunos que enxergam no NEG um espaço seguro para compartilhar suas ânsias e vivências, a atuação do NEG na ETEASD vai além das pautas feministas englobando também a diversidade sexual e de gênero e auxiliando em atividades culturais diversas da instituição.

O NEG da ETEASD é coordenado pela gestora adjunta, Sandra de Castro Lins, e conta atualmente com cerca de 20 alunos inscritos e com a participação de professores de diversas áreas do conhecimento que integram a instituição. Ainda assim, nota-se a ausência de um cronograma bem definido para atuação desse grupo, o que dificulta a introdução das temáticas a que se propõe o núcleo e seus componentes no ambiente escolar. O NEG da ETEASD tem uma atuação dispersa, talvez pela ausência de um cronograma citado anteriormente, com atividades pontuais que surgem de demandas dos próprios alunos.

Isto posto, surge então a necessidade de idealizar um cronograma de ações culturais que tenham como foco a discussão dos direitos humanos relacionados às questões da diversidade, a serem realizadas pelo NEG em parceria com a Biblioteca Monteiro Lobato a fim de revitalizar tanto o espaço da biblioteca, desconstruindo o antigo paradigma do espaço silencioso que guarda o conhecimento absoluto e passando a potencializar o debate de temas transversais e estimular o pensamento crítico, quanto a prática do núcleo, sistematizando sua atuação.

### **3 PROPOSTA DE CRONOGRAMA DE AÇÕES CULTURAIS SOBRE DIVERSIDADE NA BIBLIOTECA ESCOLAR**

Tendo em vista as discussões apresentadas previamente nesse trabalho, propõe-se a sugestão de um cronograma elaborado com o auxílio da coordenadora da Biblioteca Monteiro Lobato, Taciana Santos, e alunos que compõem o NEG da ETEASD com ações culturais a fim de levar as discussões tocantes às questões de gênero para dentro do espaço da biblioteca escolar. O NEG teria um papel vital para a concretização das ações propostas no cronograma tendo em vista que as atividades realizadas por uma biblioteca escolar não devem se descolar de outras atividades realizadas na instituição, mas sim de forma uníssona.

O cronograma foi pensado de forma que as atividades sejam desenvolvidas ao longo de ano letivo, desconsiderando assim o período de férias escolares, correspondente aos meses de janeiro, julho e dezembro, e uma vez que no mês de julho há um recesso escolar de 15 dias e, terminado esse recesso, a escola é submetida à avaliação do SAEB, o que demanda tempo e energia da gestão e do corpo docente, tornando assim inviável a realização de atividades nesse mês. Sendo assim, o cronograma contempla 9 dos 10 meses que constituem o período letivo.

A proposta configura-se da seguinte maneira: cada mês terá uma temática relativa às questões de gênero que será trabalhada por meio de duas atividades a serem realizadas tanto no espaço da biblioteca e da escola como um todo quanto em espaços externos à instituição. Dessa forma, a primeira atividade de cada temática ocorreria por volta da metade do mês correspondente enquanto a segunda mais para o final do mês em questão, deixando assim uma média de 15 dias para o planejamento e a organização necessária para a realização de cada atividade. A temática de cada mês foi sistematizada estrategicamente, tendo cada uma delas sua justificativa para acontecer naquele mês e não em outro. As atividades são abertas ao público da instituição, não sendo obrigatória para alunos ou funcionários uma vez que a participação nas atividades deve originar-se do interesse de cada um. É importante destacar que o cronograma visa fomentar uma mudança na cultura do ambiente escolar, tornando-o desperto para as questões de gênero e sexualidade, de forma que não se limite as datas propostas e reverbere em outros tópicos, como acervo da biblioteca e material usado em outros âmbitos da escola, por exemplo. Deste modo o resumo do cronograma pode ser conferido na figura a seguir:

Figura 1 - Infograma de atividades



Fonte: Elaboração do autor (2021)

De maneira mais detalhada, o calendário de atividades culturais pensado para a Biblioteca Monteiro Lobato durante o ano letivo possui a seguinte forma:

**Quadro 2 - Atividades do mês de fevereiro**

<b>MÊS</b>	<b>FEVEREIRO</b>
<b>TEMA</b>	Violência sexual
<b>JUSTIFICATIVA</b>	O tema foi escolhido em razão do carnaval, período em que as denúncias de violência sexual aumentam cerca de 20% <sup>10</sup> . As atividades planejadas buscam fortalecer o combate contra a violência sexual nesse período de risco, além de estimular a criatividade e a produção artística dos alunos.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>MURAL TEMÁTICO:</b> elaboração de mural temático na Biblioteca Monteiro Lobato acerca da Lei 13.718, sancionada em 2018 por Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal, que pune de 1 a 5 anos de prisão o crime de importunação sexual, configurado segundo Art.215-A como “Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro” (BRASIL, 2018). Elaboração de cartazes de menor tamanho contra a violência sexual a serem espalhados pelas dependências da escola com dizeres como “NÃO É NÃO!” ou “CARNAVAL SEM ASSÉDIO” e com os telefones da Polícia Militar (190) e Disque Mulher (180) para denúncia em casos de assédio ou estupro.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>JOGO PODE/NÃO PODE:</b> O NEG vai, previamente, desenhar com giz de cera um tabuleiro no chão da biblioteca com cerca de 10 ou mais casas. Um grupo por vez vai se dirigir à biblioteca onde lá será dividida em três equipes mistas; um representante de cada equipe será a “peça” do tabuleiro e os demais ficarão a mesa para responder as perguntas feitas pela coordenadora da biblioteca. A equipe que levantar primeiro o braço poderá responder as perguntas com as plaquinhas “pode” ou “não pode” e a cada resposta correta a “peça” correspondente àquela equipe avança uma casa. As perguntas devem ter relação com assédio no carnaval e possuir linguagem acessível e descontraída (ex.: agarrar a boyzinha pelo cabelo no meio do bloquinho: pode ou não pode?). Ganha a equipe que chegar primeiro na última casa.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

**Quadro 3 - Atividades do mês de março**

<b>MÊS</b>	<b>MARÇO</b>
<b>TEMA</b>	Protagonismo feminino
<b>JUSTIFICATIVA</b>	O tema foi escolhido em virtude do Dia Internacional da Mulher, instituído pelas ONU em 1975 e comemorado em 08 de março. As atividades buscam dar voz às mulheres tão silenciadas em meio uma sociedade ainda tão machista.

<sup>10</sup> BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Carnaval registra aumento de cerca de 20% em denúncias sobre violência sexual. [S. l.], 13 fev. 2019. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2019/fevereiro/carnaval-registra-aumento-de-cerca-de-20-em-denuncias-sobre-violencia-sexual>. Acesso em: 10 set. 2019



<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>SARAU:</b> Convidar as mulheres que residem em Santo Amaro, bairro em que se localiza a escola, para sarau literário na biblioteca onde alunas, professoras e funcionárias recitarão contos, poesias e textos feministas, de autoria própria ou não. Em seguida será feita uma roda de conversa partindo da leitura de um texto de apoio (por exemplo: “Feminismo para leigos” (2013), de Clara Averbuck), onde o corpo de meninas e mulheres que forma a instituição e o corpo de mulheres que forma o bairro em que a instituição situa-se poderão trocar experiências, relatos e vivências sobre ser mulher em um mundo machista.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>ROTEIRO:</b> elaboração de roteiro de curta-metragem a partir da experiência e dos depoimentos coletados na atividade anterior a ser submetido ao Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

**Quadro 4 - Atividades do mês de abril**

<b>MÊS</b>	<b>ABRIL</b>
<b>TEMA</b>	Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).
<b>JUSTIFICATIVA</b>	Com o mês de março entre fevereiro, mês do carnaval, e abril, a escolha do tema parte do princípio da janela imunológica, período em que o vírus não é detectado por exames, do HIV que é de cerca 30 dias. Estudo do Ministério da Saúde de Minas Gerais <sup>11</sup> comprova o aumento de ISTs no período carnavalesco, sendo assim, passadas as festividades de carnaval, faz-se importante conscientizar alunos e funcionários sobre os sintomas das ISTs mais comuns e a importância da realização dos testes já que, segundo estudo do Centers for Disease Control and Prevention (2017) <sup>12</sup> , pessoas demoram cerca de 3 anos pra descobrir que tem HIV. O objetivo é abrir as portas da educação sexual e conscientizar sobre o uso de preservativos e a importância da realização de testes de ISTs.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>PALESTRA:</b> convidar professor de enfermagem da instituição, em parceria com os alunos dos cursos de enfermagem e análises clínicas, fomenta discussão que aborde os seguintes pontos: infecções sexualmente transmissíveis e a importância do uso de preservativos. Ao fim, distribuir para os alunos e funcionários preservativos e panfletos com os locais que realizam testes rápidos de HIV, sífilis e hepatites nas unidades de saúde próximas à escola.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>TEATRO:</b> ida à Casa de Passagem Ana Vasconcelos, ONG fundada em 1989 e situada no bairro de Santo Amaro que busca promover o protagonismo de crianças, jovens e mulheres em situação de vulnerabilidade social que entre outros serviços oferta também oficinas de teatro, ou instituição similar para presenciar dramatização acerca de HIV e outras ISTs.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

<sup>11</sup> BRASIL. Secretaria do Estado de Saúde. Sífilis 2019. In: Sífilis. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/sifilis>. Acesso em: 16 set. 2019.

<sup>12</sup> ESTADOS UNIDOS. Centers for Disease Control and Prevention. HIV Testing. In: Vital Signs. [S. l.], 28 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cdc.gov/vitalsigns/hiv-testing/index.html>. Acesso em: 16 set. 2019.

**Quadro 5 - Atividades do mês de maio**

MÊS	MAIO
<b>TEMA</b>	Gênero e sexualidade.
<b>JUSTIFICATIVA</b>	Justifica-se a temática das atividades realizadas nesse mês de forma que a elucidação dos conceitos básicos de gênero numa perspectiva pós-moderna sirvam de base para as atividades dos meses seguintes.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>RODA DE CONVERSA:</b> Convidar uma Drag Queen, um homem trans e mulher lésbica ou bissexual para, com base na Teoria Queer, conversarem sobre a diferença entre sexualidade, identidade de gênero e expressão de gênero e tirar eventuais dúvidas que possam existir previamente ou surgir durante a atividade.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>OFICINA DE ENCADERNAÇÃO DE MINIGLOSSÁRIO DE GÊNERO:</b> Os alunos que compõem o NEG irão elaborar um miniglossário de gênero que será xerocado e distribuído para os participantes da oficina. É necessário a realização de inscrições na biblioteca até 3 dias antes da atividade, a fim de garantir a quantidade exata de material uma vez que a instituição não dispõe de verba em abundância. Na oficina, os alunos irão realizar um processo de encadernação artesanal de costura simples, ministrado pela coordenadora da biblioteca, utilizando para a capa papelão das caixas em que os mantimentos da escola vêm, ficando a capa livre para estilização individual. Dessa forma, os alunos poderão ter sempre consigo um minidicionário de gênero para revisar conceitos quando preciso.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

**Quadro 6 - Atividades do mês de junho**

MÊS	JUNHO
<b>TEMA</b>	Visibilidade gay
<b>JUSTIFICATIVA</b>	A 1ª Parada do Orgulho LGBTQ+ aconteceu 1º de julho de 1970, devido a isso, atualmente, 28 de junho é o Dia do Orgulho LGBTQ+. Sendo assim, a temática inicial foi escolhida de forma que harmonizasse com a data, contudo, percebeu-se a necessidade de cada letra da sigla LGBTQ+ ter um mês para visibilidade individual de forma que uma não “ofuscasse” a outra. O objetivo das atividades é celebrar o direito de ser quem se é e amar quem se ama.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>MURAL TEMÁTICO:</b> elaboração de mural na Biblioteca Monteiro Lobato com o tema “Grandes marcos da cultura G” onde serão celebrados pontos importantes para a comunidade gay como a Revolta de <i>Stonewall</i> , de 1969, e a criminalização da homofobia no Brasil, punida pela Lei do Racismo (7716/89) desde 13 de junho de 2019. Elaboração de cartazes de menor tamanho com figuras homossexuais da história mundial, como o escritor britânico Oscar Wilde e o cantor brasileiro Cazuza, a serem espalhados pela escola.

<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>LEITURA DRAMÁTICA E RODA DE CONVERSA:</b> leitura dramática da peça de Nelson Rodrigues “O beijo no asfalto” (1960), seguido por uma roda de conversa partindo do questionando: por que o beijo entre dois homens chocou e ainda choca a sociedade mais que um suicídio?
--------------------	---

Fonte: Elaboração do autor (2021)

**Quadro 7 - Atividades do mês de agosto**

<b>MÊS</b>	<b>AGOSTO</b>
<b>TEMA</b>	Visibilidade lésbica
<b>JUSTIFICATIVA</b>	A escolha do tema justifica-se do Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, celebrado em 29 de agosto e resultado do I Seminário Nacional de Lésbicas que aconteceu no Rio de Janeiro em 1999. O objetivo busca dar voz às mulheres, como no mês de março, mas realizando o recorte da orientação sexual e fomentar o respeito entre as diferentes formas de amar.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>CINEMA:</b> exibição “Flores Raras”, filme de Bruno Barreto que acompanha Glória Pires e Miranda Otto interpretando um casal lésbico no Brasil da década de 60, ano em que se instaura o golpe militar de 64, ponto de partida para Ditadura Militar que assolou o país.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>MURAL TEMÁTICO:</b> elaboração de mural temático na biblioteca sobre os índices de lesbocídio, o assassinato de mulheres lésbicas, que, segundo dossiê do Instituto Patrícia Galvão (2018) <sup>13</sup> , aumentou 237% entre 2014 e 2017.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

**Quadro 8 - Atividades do mês de setembro**

<b>MÊS</b>	<b>SETEMBRO</b>
<b>TEMA</b>	Visibilidade bissexual
<b>JUSTIFICATIVA</b>	O tema escolhido busca atuar em consonância com o Dia da Visibilidade Bissexual, criação dos ativistas bissexuais Wendy Curry, Michael Page e Gigi Raven Wilbur, que acontece em 23 de setembro e busca reconhecer e celebrar a bissexualidade. As atividades desse mês têm por objetivo evidenciar indivíduos bissexuais que têm sua existência questionada no mundo binário onde ou se gosta de branco ou se gosta de preto, mas nunca dos dois.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>OFICINA DE MARCADORES DE PÁGINA:</b> o NEG vai ministrar uma oficina de marcadores de página utilizando papel madeira que deve ser revestido com fotos de personalidades bissexuais da

<sup>13</sup> PERES, Maria Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil:** de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

	história mundial como a escritora Virgínia Woolf, a cantora Lady Gaga e o ator Jesuíta Barbosa.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>PALESTRA:</b> palestra por representante do Diretório LGBT da UFPE sobre a importância da representatividade de pessoas abertamente bissexuais na política e na grande mídia, como a vereadora negra e bissexual Marielle Franco, brutalmente assassinada em março de 2018 e que, mais de 1 ano após o ocorrido, continua sem solução por parte da justiça brasileira, e a cantora Ludmilla.

Fonte: Elaboração do autor

**Quadro 9** - Atividades do mês de outubro

<b>MÊS</b>	<b>OUTUBRO</b>
<b>TEMA</b>	Visibilidade trans.
<b>JUSTIFICATIVA</b>	O Dia Nacional da Visibilidade Trans é comemorado em 29 de janeiro, contudo, uma vez que o mês de janeiro não faz parte do período letivo, decidiu-se abordar a temática o mês de outubro, dando assim continuidade à sequência de atividades do Orgulho LGBTQ+. O objetivo das atividades é humanizar a figura trans, ainda hoje muito demonizada, o que pode contribuir para a diminuição dos casos de transfobia, uma vez que transexuais e travestis no Brasil possuem expectativa de vida de apenas 35 anos.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>RODA DE CONVERSA:</b> mediação de leitura de trechos do livro “Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois” (2011), autobiografia do ativista e escritor João Nery, primeiro homem trans a se submeter a cirurgia de redesignação sexual no Brasil. Na obra, o autor relata sua infância e adolescência conturbada enquanto não se reconhece no gênero à que foi designado no nascimento. Nery realizou a cirurgia de transição em 1977, em meio a ditadura militar, época em que tal cirurgia era criminalizada devido ao contexto histórico e político.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>CINEMA:</b> exibição de “Garota Dinamarquesa” (2016), do diretor Tom Hopper, cinebiografia de Lili Elbe, primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de redesignação sexual. O filme retrata a relação de Lili, anteriormente conhecida como Einar Morgens, com sua ex-esposa Gerda e todo o processo de descoberta e transição de Lili.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

**Quadro 10** - Atividades do mês de novembro

<b>MÊS</b>	<b>NOVEMBRO</b>
<b>TEMA</b>	Gravidez e aborto
<b>JUSTIFICATIVA</b>	O tema escolhido justifica-se da necessidade de fechar a porta da educação sexual aberta nas atividades do mês de abril. Segundo

	estudo da OMS <sup>14</sup> , o Brasil é o 4º país com a maior taxa de gravidez de adolescentes no período 2010-2015.
<b>ATIVIDADE 1</b>	<b>RODA DE CONVERSA:</b> convidar agente de unidade de saúde próxima à escola para conversar dentro da Biblioteca Monteiro Lobato de forma leve e descontraída com os alunos sobre os riscos da gravidez na adolescência e os métodos anticoncepcionais mais utilizados, suas falhas e as consequências do seu uso; reforçando sempre o uso do preservativo para evitar não apenas a gravidez indesejada, mas também as ISTs. É importante o/a agente de saúde mencionar que ainda que a gravidez no período da adolescência não seja o mais seguro à saúde da gestante e do feto, em caso de gestação é vital a realização do pré-natal desde o primeiro mês de gestação.
<b>ATIVIDADE 2</b>	<b>DEBATE:</b> será realizado no espaço da biblioteca um debate com a temática “Aborto: crime, pecado ou questão de saúde pública?” onde, em termos pacíficos, os alunos vão expor seus diferentes pontos de vista sobre a descriminalização ou não do aborto tendo a coordenadora da biblioteca como mediadora.

Fonte: Elaboração do autor (2021)

Este cronograma intenta, ainda que de modo simplório, ser um ponto de partida para as discussões de gênero no espaço da biblioteca escolar, sendo, acima de tudo uma sugestão cabível às mudanças demandadas em cada contexto. Sua elaboração surgiu da necessidade de uma sistematização a fim de assegurar a atuação do NEG na ETEASD, porém o mesmo pode servir de inspiração para diversas bibliotecas escolares (ou não) Brasil afora, afinal, as possibilidades são infinitas. Além das atividades desenvolvidas no cronograma apresentado, diversas outras são de igual valia, como por exemplo: exposições de livros do acervo da biblioteca com a temática de cada mês, o uso de um grupo de teatro da própria escola nas atividades de dramatização, o uso da obra “A Bolsa Amarela” de Lygia Bonjuga no mês da visibilidade trans uma vez que o livro trata de uma menina que entre os segredos que esconde na sua bolsa é que ela na verdade gostaria de ser um menino, um debate acerca do livro “O Terceiro Travesseiro” de Nelson Luiz de Carvalho no mês da visibilidade bissexual etc. É nítido que os formatos das atividades de cada mês são adaptáveis aos outros meses, possibilitando assim uma espécie de rodízio ao longo dos anos a fim de evitar o engessamento do cronograma aqui proposto uma vez que o mesmo não possui caráter pragmático, mas sim uma aspiração norteadora.

<sup>14</sup> Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe. Informe de consulta técnica (29-30 agosto 2016, Washington, D.C., EE. UU.). Disponível em: [http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/34853/9789275319765\\_spa.pdf?sequence=1](http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/34853/9789275319765_spa.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 8 nov. 2019

Sempre é tempo de acreditar e seguiremos com esse sonho sempre, de ver cada biblioteca escolar funcionando como um lugar de celebração da diversidade, pois, como afirma Paulo Freire (1999, p. 100):

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O **sonho** é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Negar visibilidade às questões de gênero num espaço decisivo à formação do sujeito é negar também a prática plena de cidadania, portanto, compreender que não tocar nesses tópicos não torna a situação inexistente (e nem deveria; ser diferente é lindo) e falar sobre é uma das formas mais eficazes de contorná-la. O silêncio é a maior forma de opressão e a voz é a maior arma contra ele.

O cronograma de atividades para tratar as questões de gênero e sexualidade na biblioteca escolar, desenvolvido neste trabalho com o auxílio do Núcleo de Estudos de Gênero e com a coordenadora da Biblioteca Monteiro Lobato da Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra após um diagnóstico do acervo e das atividades da biblioteca, almeja servir de inspiração a bibliotecários interessados na temática e ser uma importante contribuição da temática na área de Ciência da Informação. Sendo assim, torna-se de grande valia a indicação de um estudo posterior na promoção das questões de gênero dentro da biblioteca escolar, desta vez partindo da mediação da informação transpassando a formação e desenvolvimento de coleções. Propõe-se também pôr em prática, total ou parcial, as atividades sugeridas no cronograma aqui desenvolvido a fim de analisar seus resultados. Desta forma, o tema poderia ganhar novas proporções e perspectivas, saindo da margem e ocupando seu lugar por direito.

Por fim, tratar as questões de gênero na biblioteca escolar é um ato político. Em tempos de retrocesso de ideias e democracia ameaçada, enxergar a importância de *desmarginalizar* indivíduos por meio de políticas inclusivas é antes de tudo um gesto de empatia. Lutar contra a violência de gênero dentro do ambiente escolar é garantir que essa violência não transpassará os muros da escola, pois a educação e o conhecimento a suprimiriam. Precisamos ver mulheres e LGBTQ+ nas estatísticas de maiores níveis de

educação, melhores empregos, escritores mais bem premiados; não nas de violência. Que a biblioteca escolar busque ser um vetor de mudanças para que parem de nos matar. Que ela não seja mais armário para depositar tralhas, mas que seja um portal pelo qual muitos sujeitos possam se livrar das poeiras que os sufocam dentro dos seus armários.

## REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA. **Por que discutir gênero na escola?** São Paulo: JADIG, 2016. 28 p.

Disponível em: [http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/publicacao\\_porquediscutirgeneronaescola.pdf](http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/publicacao_porquediscutirgeneronaescola.pdf). Acesso em: 02 set. 2019.

ANTAS, Raquel Costa. Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher: a experiência do Instituto Federal de Pernambuco. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Anais...** 63. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-13.

Disponível em:

[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498841623\\_ARQUIVO\\_fazendogenero\(artigo\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498841623_ARQUIVO_fazendogenero(artigo).pdf). Acesso em: 02 nov. 2019.

ARAÚJO, C. A. V. A pós-verdade como desafio central para a ciência da informação contemporânea. **Em Questão**, n. online, 2020. DOI: [10.19132/1808-524500.%p](https://doi.org/10.19132/1808-524500.%p) Acesso em: 15 jun. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. 2 v.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CHAGAS, Emmily Negrão. Identidade de Gênero e Políticas Públicas: a invisibilidade da população trans no Brasil. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 8., 2017, São Luiz. **Anais...** . Maranhão: Ufma, 2017. p. 1 - 8. Disponível em:

[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/identidadedegeneroepolitica\\_spublicasainvisibilidadedapopulacaotransnobrasil.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/identidadedegeneroepolitica_spublicasainvisibilidadedapopulacaotransnobrasil.pdf). Acesso em: 24 set. 2019.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. 2013. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:

[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6092/1/2013\\_JessicaFernandesCosta.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6092/1/2013_JessicaFernandesCosta.pdf). Acesso em: 16 abr. 2019.

COELHO TEIXEIRA, José. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001. 96 p.

DUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, n. 20, p.81-85, 1980. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377>. Acesso em: 07 ago. 2019.

FIPE (São Paulo). **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual**. São Paulo, 2009.

355 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GHORAYEB, Daniela Barbeta. **Saúde mental, qualidade de vida, religiosidade e identidade psicossocial nas homossexualidades**. 2007. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: [http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1773\\_328\\_GhorayebDanielaBarbeta.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1773_328_GhorayebDanielaBarbeta.pdf). Acesso em: 03 set. 2019.

IFLA. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. 2015. Disponível: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.

LIMA, Celly de Brito. **O bibliotecário como mediador cultural**: concepções e desafios à sua formação. 2016. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-26092016-145726/publico/CELLYDEBRITOLIMAVC.pdf>. Acesso em: 01 out. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. Disponível em: [http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_volume32\\_diversidade\\_sexual\\_na\\_educacao\\_problematizacoes\\_sobre\\_a\\_homofobia\\_nas\\_escolas.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf). Acesso em: 22 ago. 2019.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

MIRANDA, Olinson Coutinho; GARCIA, Paulo César. A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria. In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 3., 2012, Cachoeira. **Anais...** . Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012. p. 1 - 11. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>. Acesso em: 04 maio 2019.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2014, Londrina. **Anais...** . Londrina: UEL, 2014. p. 1 - 8. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/42607566/o-movimento-feminista-algumas-consideracoes-bibliograficas>. Acesso em: 06 ago. 2019.

PAJEÚ, Hélio Márcio; ALMEIDA, Arthur Henrique Feijó de. A mediação cultural na biblioteca escolar e o bibliotecário infoeducador. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 18, n. 00, p. 1-17, 2 out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8660541>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PERNAMBUCO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico Institucional Da Escola Técnica Estadual Almirante Soares Dutra**. Recife: 2019. 30 p.



RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo. Recife: SOS Corpos, 1993.

SANTOS, Ana Cristina. Heteroqueers contra a heteronormatividade: notas para uma teoria queer inclusiva. **Oficina do CES**, n. 239, p. 1-12, 2005. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/239/239.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Suicídio: Saber, agir e prevenir. **Boletim Epidemiológico**, [s. L], v. 48, n. 30, p.2-14, 2017. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-aten--ao-a-sa--d.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 16, n. 2, p. 489-517, 2011. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/797/pdf/63>. Acesso em: 10 set. 2019.

SILVA, Waldeck Carneira da. **Miséria da biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

TEIXEIRA, Vitória Matheus et al. As fake news e suas consequências nocivas à sociedade. In: ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE, 14., 2017, [s.l.]. **Anais...** [s.l.]: Texto Livre, 2018. v. 7, p. 1 - 6. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais\\_linguagem\\_tecnologia/article/view/15058/1125612218](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/15058/1125612218). Acesso em: 09 set. 2019.

UNESCO: Violência de gênero em escolas impede milhões de alcançar potencial acadêmico. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unesco-violencia-de-genero-em-escolas-impede-milhoes-de-alcancar-potencial-acad/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Recebido em: 22 de junho de 2020  
Aprovado em: 22 de junho de 2021  
Publicado em: 02 de outubro de 2021